

O Pai*

Falar do Pai é fazê-lo, antes de mais, com maiúscula.

É dizê-lo como sinónimo de referência, de rumo, de leme...

Desde pequena, quando me sentava ao seu lado, ou nos seus joelhos, sabia encontrar ali a palavra certa, assertiva e justa.

Tal como na sua poesia, o seu discurso sempre se pautou pela síntese, mas qualquer que fosse a questão colocada, eu sabia que da sua boca sairia a opinião sábia, pela qual eu poderia, sem qualquer hesitação, reger a minha conduta.

Tem sido assim, e será, pela vida fora.

O Pai é, para mim, um modelo de sensatez, de verticalidade, de justiça, de lealdade.

Aprendi, com ele, que a verdade deve sobrepor-se a todas as coisas, embora, por vezes, isso nos custe, a nós próprios ou aos outros.

Aprendi, também, com ele, que é pelo nosso trabalho, e por aquilo em que nos tornamos, que deveremos deixar a nossa marca, e não por compadrios ou troca de favores.

Falar do Pai e não falar de Sensibilidade, é como falar da Vida e não referir o Sol.

No seu mundo muito próprio de introversão e introspeção é nela, na sensibilidade, que assenta a sua vida. E é nela que baseia as suas atitudes e pensamentos.

Não há malícia ou maldade no seu léxico. A sua atitude, ainda hoje, até um pouco “naíve”, faz dele, por vezes, “vítima fácil” de “vampiros”, sempre à espreita de sangue fresco.

Mas nem por isso se deixa fraquejar.

Abalado, sim; ferido, muito, mas de pé, sempre com dignidade e toda a benevolência do Mundo. Sabe perdoar, ou até mesmo esquecer, àqueles que, profundamente, o magoaram ou ofenderam.

Falar do Pai é, em síntese, falar de alguém de uma grandeza de espírito e de valores que eu considero incomparável.

Como filha, claro, sou tudo menos imparcial neste “juízo”.
A admiração que tenho por ele é incomensurável e isso, provavelmente, tolda-me a razão.

Paciência!

Ao pedir-me este depoimento, saber-se-ia, desde início, que ele não seria neutro.

Não sei, em que medida, segui o seu exemplo, embora o tente. Mas é um privilégio tê-lo como Pai.

A sua obra vastíssima (70 volumes publicados, de entre os quais 43 de poesia), as opiniões favoráveis a seu respeito vindas dos mais ilustres críticos da Literatura Portuguesa, bem como os diversos Prémios e inúmeras homenagens, enchem-me de orgulho, como é óbvio!

Costuma dizer-se que é preciso sorte na vida, no que aos filhos diz respeito.

O contrário, na minha opinião, também é verdadeiro.

A SORTE BAFEJOU-ME!

21 de novembro 2014
Isabel Martins

*Texto apresentado no lançamento do livro
Desta Varanda, o Mar, de Albano Martins